

**REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA LÍNGUA INGLESA POR ALUNOS DE
UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA****IDENTITY REPRESENTATION OF THE ENGLISH LANGUAGE BY
STUDENTS FROM A PUBLIC SCHOOL**Henrique Campos FREITAS¹Diogo Silva CHAGAS²

Resumo: A noção básica que norteia este trabalho é de que os indivíduos constroem sua identidade discursivamente e que essas identidades são passíveis de transformação, sendo a escola um dos lugares em que esse processo acontece. Como nosso objetivo principal, buscaremos analisar as representações identitárias feitas pelos alunos do segundo ano do ensino médio, de uma escola de ensino regular da rede pública de Uberaba/MG, em relação à Língua Inglesa. Mais especificamente, tentaremos alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar os sentidos atribuídos pelos alunos em relação à LI; analisar como se dá a construção da identidade de falante da LI, desses alunos. Como suporte teórico, baseamos em Moita Lopes (1996, 2006), Celani (2002), Silva (2005), Cavalcanti (2006), dentre outros. A metodologia de pesquisa é de base etnográfica, visto que o instrumento principal para coleta de dados foi o questionário perfil. Percebemos, a partir das análises, que os alunos possuem um comportamento de colonizado quanto à LI, pois a identidade desses sujeitos é construída a partir do social, dependendo do discurso produzido e dos sentidos atribuídos em relação àquela língua para que a representação seja (trans)formada.

Palavras-chave: discurso, identidade, representação.

Abstract: The basic guiding notion of this work is that individuals construct their identity discursively and that these identities are subject to be changed, and the school is the place in which this process happens. As our main objective, we will seek to analyse the identity representations made by the students of the second year of High School, a mainstream state funded school of Uberaba/MG, in relation to English. More specifically, we will try to achieve the following objectives: identify the meanings attributed by students in relation to the English Language (EL); analyse how the construction of the identity of the EL speaker is. As theoretical support, we base on Moita Lopes (1996, 2006), Celani (2002), Silva (2005), Cavalcanti (2006) among others. The methodology was based on ethnographic research, in which the main instrument for collection was the profile questionnaire. We realized that students have a behaviour as the colonized EL because the identity of these individuals is built from the social, depending on the discourse produced and meanings attributed towards that language to that representation is (trans)formed.

Key-words: discourse, identity, representation.

1. Considerações Iniciais

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia - UFU - *Campus* Santa Mônica, Uberlândia-MG, BR. (UFU/ILEEL/PPGEL) - henriquecampos@ufu.br.

² Mestrando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - São Carlos - SP - BR - Bolsista CAPES - chagasdiogos@gmail.com.

A noção básica que norteia este trabalho é de que os indivíduos constroem sua identidade discursivamente e que essas identidades são passíveis de transformação, sendo a escola um dos lugares em que esse processo acontece. Os enunciadores de discursos atribuem sentidos àquilo que é enunciado a partir de Formações Discursivas (FDs) influenciadas por questões culturais, históricas, políticas, etc., para, então, construir sua própria identidade. Para a noção de FD, retomamos os estudos da Análise do Discurso de linha Francesa (doravante AD), buscando definir as FD sob o ponto de vista de Foucault, dizendo que

Ela sempre será invadida por elementos que vêm de outro lugar, de outras formações discursivas. Neste sentido, o espaço de uma FD é atravessado pelo pré-construído, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar (de uma construção anterior e exterior) e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança. (FOUCAULT *apud* MUSSALIN, 2006, p.119).

Todavia, a definição do que seriam as FDs é, ainda, de ampla discussão, sendo que outras definições além da de Foucault tentam delimitar a noção de formação discursiva, mas todas consideram a influência do Outro em relação ao posicionamento de quem enuncia.

Para tais afirmações, primeiramente, apresentaremos um breve panorama sobre os conceitos identidade, diferença e representação dentro do quadro teórico da Linguística Aplicada (doravante LA). Posteriormente, teceremos comentários sobre o que é representação e como ela pode ser apreendida dentro de diversos contextos, a partir das perspectivas teóricas de Moita Lopes (1996, 2006), Celani (2002) dentre outros e, ainda, falaremos sobre os sentidos atribuídos, no Brasil, à Língua Inglesa (doravante LI), como a língua mundial que possibilita vislumbrar outros caminhos e como esses sentidos podem ser representados na escola.

Como nosso objetivo principal, buscaremos analisar as representações identitárias feitas pelos alunos do segundo ano do ensino médio, de uma escola de ensino regular da rede pública de Uberaba/MG, em relação à LI. Mais especificamente, tentaremos alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar os sentidos atribuídos pelos alunos em relação à LI e analisar como se dá a construção da identidade de falante da LI desses alunos.

Em seguida, mostraremos o contexto metodológico em que se deu a pesquisa, bem como a análise dos dados, a partir da teoria exposta e as considerações finais. Com isso, tentaremos mostrar como os alunos do ensino médio da escola pesquisada constroem sua identidade a partir da representação que foi criada sobre a LI em seu aprendizado, principalmente, dentro do contexto da escola pública. Ainda, vale salientar que este trabalho foi realizado durante a disciplina de Linguística Aplicada, do curso de Letras, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

2. Linguística Aplicada Contemporânea

2.1. Identidade, diferença e representação

A definição de identidade é colocada, por vários autores, como de difícil definição, pois esse conceito perpassa os estudos linguísticos, filosóficos, psicológicos, psicanalíticos etc. e emerge, principalmente, com os estudos culturais, na tentativa de identificar o sujeito como parte integrante de diversos grupos sociais, visto que as identidades são produzidas através da interação via linguagem, isto é, nos e pelos discursos³.

Para Rajagopalan (2002, p. 77 *apud* Cavalcanti, 2006, p. 40), a identidade seria como “um construto e não algo que se encontra aí in natura”. Cavalcanti (2006, p. 41) acrescenta que a “identidade é imaginária, social, formada no interior da representação; que os sujeitos identificam-se com os sentidos produzidos por uma espécie de grande narrativa, construindo, assim, suas identidades.”

O sujeito, então, não deveria ser entendido somente em sua dimensão biológica, mas como aquele que constrói discursivamente sua identidade, imersos em formações discursivas, apontando seu lugar no mundo e mostrando que não se tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ao contrário, que esse sujeito se constitui pela multiplicidade de discursos, em um processo de identificação.

³ Segundo Cavalcanti (2006), quando discutimos sobre sujeito e identidade, obrigatoriamente devemos falar em heterogeneidade. Para definir esse conceito, buscamos nos estudos de Maingueneau (1993) onde vemos que todo discurso é heterogêneo e estabelece uma relação com outros discursos. Essa heterogeneidade do discurso acontece de diversas maneiras, podendo ser mostrada e marcada, mostrada e não marcada e através da negação polêmica.

Segundo Chinatti (2012), os atos de fala são atos de identidade que acontecem por meio das escolhas linguísticas, como ação inconsciente do sujeito. Ao apresentar uma língua diferente da língua materna do falante, o comportamento pode ser diverso, pois se adquire “outra identidade ligada àquela língua(gem)”, sendo assim, qualquer identidade pode estar relacionada a uma língua estrangeira, na busca da identidade de quem a fala.

Então, segundo alguns autores ligados aos estudos culturais, como Silva (2005), apreendemos que a identidade é marcada pela diferença. Esse primeiro conceito é pensado como um ato dependente do conceito de diferença, haja vista que só se pode afirmar “ser alguém”, caso exista outra que se contrapõe àquilo afirma. Segundo o pesquisador, só podemos nos afirmar sermos “brasileiros porque existem outros seres humanos que não são brasileiros” (p. 75). Nesse viés, a diferença é uma prática independente que simplesmente existe. Ainda segundo esse autor,

identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. [...] Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilham a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. (SILVA, 2005, pp. 74-75).

Através desses pensamentos, percebemos que a relação entre identidade e diferença é de pura dependência: a diferença não existe sem a identidade e ambas são produtos linguísticos de “instituições culturais e sociais como a identidade, por exemplo” e que a relação entre esses conceitos é dada como resultado desses produtos. Como aponta Coracini (2003, p. 240) a visão de identidade, como algo que se constrói a partir de certas características que tornamos comuns em relação ao outro através do discurso, reforça a noção de homem como ser que tem capacidades e sentimentos estáveis na sua própria identidade, ou seja, sujeitos autônomos.

Esses dois conceitos – identidade e diferença – podem ser discutidos por meio de um terceiro conceito, o de representação. Para esse último, podemos dizer que representar é atribuir sentidos, identificar-se com determinados sentidos e ter uma imagem sobre algo. Então, identidade e diferença são dependentes da representação, pois é por meio dela que adquirem sentido.

No contexto do ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras (doravante LE) esses conceitos são de extrema importância porque, segundo Moita Lopes (2006), as

identidades sociais constituídas na escola podem exercer um papel respeitável na vida dos indivíduos, pois podem ser passíveis de transformação a partir do confronto com outros discursos construindo e reconstruindo as identidades dos sujeitos.

Vemos que em várias partes do mundo, principalmente no Brasil, a Língua Inglesa é vista como uma língua de prestígio que abre portas para o mundo globalizado, como um caminho para um mundo melhor. Essa ideia carrega um valor ideológico muito grande, pois atribuem a essa língua, significados a partir da representação da cultura do Outro, instaurando verdades, produzindo efeitos que abrangem uma camada social ao ponto de querer ser, se sentir representado no Outro, identificado como “certo”. A esse respeito Neves (2006) comenta que

o inglês, como língua franca, então, é o exemplo mais patente de uma trajetória histórica descontínua, sob constantes influências externas. Não é mais, portanto, a expressão das culturas americana e britânica, mas sim uma língua que abre a porta do mundo globalizado, e assim possibilita re-arranjos identificatórios. Trata-se de um saber que reforça uma imagem de auto-estima, pois aliada ao discurso da competência nessa língua, passa a fazer parte da personalidade do sujeito (NEVES, 2006, p. 48).

Esta é, de fato, uma questão importante já que a língua inglesa é reconhecida, no Brasil, e também em outras partes do mundo, como uma língua de relevância que propicia oportunidades únicas de emprego e desenvolvimento pessoal e econômico. Essa ideia marca uma identidade de força dessa língua. Em razão disto, neste trabalho analisaremos a identidade dos estudantes de LI partindo da representação que eles têm sobre a língua inglesa no que diz respeito à amplitude dessa língua e verificar também como eles se veem na língua, seja como aprendizes ou falantes.

2.2. Representações sobre a Língua Inglesa (LI)

A definição de representação, neste artigo, é baseada em Celani e Magalhães que a definem como “cadeia de significações, construídas nas constantes negociações entre os participantes da interação e as significações, as expectativas, as intenções, os valores e as crenças referentes a: a) teorias do mundo físico; b) normas, valores e símbolos do

mundo social; c) expectativas do agente sobre si mesmo como ator em um contexto particular.” (CELANI; MAGALHÃES, 2002, p. 321)

Percebemos que, cada vez mais, a representação construída pelos sujeitos sobre a LI se baseia meramente em motivações instrumentais, como afirma Moita Lopes (2005). O linguista aplicado salienta que o ensino de inglês no Brasil deve ser pensando a partir da realidade vivida no país e guiar-se pelos reais interesses que motivam os alunos a estudarem essa língua.

Observamos que a reprodução do modelo tradicional de ensino, promovendo a língua como forma de comunicação mundial e que possibilita ascensão social e profissional, vislumbrando a LI, nas escolas públicas, como a língua que abre caminhos.

No conjunto desses discursos, Cox; Assis-Peterson (2001, p. 19) dizem que o inglês é representado como uma língua universal de comunicação, que transpassa as fronteiras linguísticas. Os autores também levantam questões tais como, a partir do pensamento de Pennycook (1994) que desmistifica a ideia de que o inglês é uma língua neutra, passível de representações grandiosas, pois ele diz que “nenhum conhecimento, nenhuma língua e nenhuma pedagogia é neutra ou apolítica.” (COX; ASSIS-PETERSON, 2001, p.19 *apud* PENNYCOOK, 1994, p. 301)

Porém, o que vemos nos discursos dos sujeitos inseridos no contexto escolar, conforme Moita Lopes (2005, p. 64) afirma, é: “Eles não aprendem português quanto mais inglês”, conferindo uma ideologia da falta de capacidade de aprendizado dessas LEs, perpetuando até os dias de hoje, como veremos nas análises.

Esse processo de representação parece sugerir que as questões sociais, culturais, políticas, econômicas, etc., deveriam ser inseridas na cena da sala de aula, pois os alunos são criados contextos possíveis a partir dessa língua, que também carrega cultura, podendo, criticamente, assumir sua identidade e se reconhecer como (não) falantes e/ou (não) aprendizes da LI.

A questão é que a Língua Inglesa diferentemente de qualquer outra LE possui um aspecto dominante que atrai estudantes e professores para o estudo da língua. Ocorre que o estudo de LI que pretende formar alunos proficientes deve ser norteado por uma ideia de efetivação cultural da língua e não uma imitação, para isso os aspectos culturais e sociais dos alunos que estudam essa nova língua devem ser levados em conta em sala de aula. Nas palavras de Moita Lopes (2005), “Não se pode esquecer de que as formas do

verbo *to be*, por exemplo, na maioria dos casos serão esquecidas, mas as ideias etnocêntricas serão de mais difícil esquecimento” (p.41). Assim, é necessário para quebrar crenças sobre a aprendizagem de uma nova língua e cabe ao professor e ao aluno entenderem qual a pretensão acerca do aprendizado de LI.

Moita Lopes em pesquisa sobre o ensino de língua inglesa no Brasil afirma que:

No Brasil, deve-se levar em consideração especificidades de nossa sociedade. Aqui, a pesquisa realizada aponta que os alunos têm atitudes muito positivas em relação a itens característicos da cultura estrangeira, contrastando, significativamente, com a atitude de alunos nativos de inglês em relação a culturas estrangeiras (cf. JOINER, 1974, *apud* MOITA LOPES, 2005, p. 41).

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que as identidades só são representadas quando os indivíduos criam e recriam sua identidade, discursivamente, quando defrontam com as representações impostas e apresentadas por uma determinada classe social, estilo de vida, etc. e por outros indivíduos, produzindo diversos sentidos dentro de uma camada sociológica. Conforme já apresentamos, analisaremos a construção da identidade de certos alunos a partir da representação que fazem da LI, levando em consideração os sentidos que eles atribuem ao falante/aprendiz desta língua.

2.3 De onde vem o sentimento de colonizado a respeito de Línguas Estrangeiras (LEs)

Segundo Moita Lopes (2005) não se pode esquecer de que os alunos aprendem LEs com objetivos variados. Muitos possuem somente motivação para aprender a ler textos técnicos, como ler textos que abordam questões médicas, por exemplo, enquanto outros querem ter maiores chances de se inserir no mercado de trabalho.

Somada a essas motivações, observamos que os alunos possuem uma verdadeira admiração pela cultura inglesa, adora-se tudo que é estrangeiro. Seguindo a visão de Moita Lopes, os alunos acabam por criar uma relação de preconceito pela cultura do Brasil e adquirem uma identidade do (O) outro, isto é, deixam de se sentirem representados pelo seu país e se sentem representados, então, por esse (O) outro, o não nacional.

Vemos assim que o domínio do inglês e sua popularidade advêm do *status* que essa língua alcança. Conforme Kumaravadivelu (2006),

A LA tem uma responsabilidade especial por que, em grande parte, lidam com uma língua que tem tanto características globais como coloniais. “Uma língua alcança um *status* verdadeiramente global”, observa Crystal (1997: 2), “quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países”. Claramente, o inglês alcançou tal papel. Tornou-se a *lingua franca* do mundo. Por causa de sua associação com a economia global, entende-se que é “a escolha natural para o progresso” (CRYSTAL, 1997:75 *apud* KUMARAVADIVELU, 2006, p. 135, grifo dos autores).

Na visão de Moita Lopes (2005), o poder da ideologia imperialista é tão grande que acaba convencendo o colonizado de que o país dominante é melhor. É o que vemos acontecer com a cultura inglesa. Os colonizados são reificados, tratados como um bloco homogêneo, sem direito a ter sua individualidade respeitada. Sofrem um processo de persuasão e acabam por adotar a ideologia dominante em detrimento de suas próprias identidades culturais. Consomem a cultura do país, desde os costumes até as comidas (por exemplo, o *MC Donalds*, que propagou pelo mundo a ideia de comida rápida, isto é, *fast food*).

Moita Lopes (2005) compara ainda o inglês à língua de Roma, que era levada aonde quer que o Império Romano atingisse, “como um veículo de dominação cultural” (p.50). O inglês é a língua do império norte-americano no Brasil, tanto que para subir socialmente acredita-se ser preciso saber a língua do colonizador. O linguista pontua que não se deve ignorar a língua do imperialista, mas saber fazer uso dela em benefício do país colonizado.

3. Metodologia

A investigação que desenvolvemos reúne dados coletados oriundos das regências de aulas, ligadas ao estágio, como requisito obrigatório da disciplina de Planejamento e Orientação de Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II (POES), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados no mês de Junho do ano de 2013, em uma turma de segundo ano do Ensino Médio, em uma escola de ensino regular da rede pública de Uberaba/MG, situada no centro da cidade.

Neste ano, a escola foi premiada como uma das 10 melhores da região pelo Prêmio Gestão Escolar 2013, que é um reconhecimento do Conselho Nacional de Secretários da Educação (CONSED) a projetos inovadores e gestões competentes na educação básica do ensino público brasileiro.

Os sujeitos da pesquisa têm entre 16 e 17 anos, participam de diversos cursos e programas profissionalizantes oferecidos pelos governos federal, estadual e municipal e foram selecionados aleatoriamente. A ideia da aplicação do questionário perfil⁴ era um requisito obrigatório da disciplina universitária, pois este possibilita ao professor fazer uma análise da turma a fim de saber quais são seus desejos, anseios e expectativas em relação ao aprendizado da LI, mostrando o que eles realmente gostariam de aprender e não o que os professores gostariam de ensinar.

Salientamos que a aplicação desse questionário é uma prática discursiva, uma prática social, pois o uso da linguagem não é uma atividade individual ou instrumental visto que, dessa forma, conseguimos analisar a representação identitária desses alunos em relação à língua e identificar suas expectativas futuras. Acreditamos que com isso os alunos se sentem valorizados, uma vez que suas opiniões são consideradas importantes e parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

A metodologia de pesquisa é de base etnográfica, visto que o instrumento principal para coleta de dados foi o questionário perfil, elaborado na língua alvo, LI, sob a orientação da professora responsável pela disciplina de estágio em Língua Inglesa da UFTM. Nesse formulário havia a informação de que não se tratava de avaliação formal ou algo parecido, para que eles se sentissem confortáveis em escrever seus pensamentos, utilizando, ainda, sua língua-materna. Então, a análise a ser desenvolvida foi extraída dos dados obtidos a partir do cabeçalho e das oito perguntas que o compunham.

4. Análise dos dados

⁴ Na disciplina da UFTM, utilizamos a denominação *Needs analysis*. Vide em anexo.

Antes de iniciar as análises, é preciso salientar que as respostas dadas pelos alunos no questionário perfil aplicado serão referidas como “discursos”. No que se refere à conceituação de discurso, é preciso listar que é também recorrente dos estudos da AD, que, segundo Brandão (2004), em sua contribuição dada por Foucault, discursos são como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva. (BRANDÃO, 2004, p. 33)

Aqui consideramos o conceito que Kumaravadivelu (2006, p. 140) propõe sobre discurso como sendo “(...) o território conceitual inteiro no qual o conhecimento é produzido e reproduzido. Inclui não somente o que é, na verdade, pensado e o que é silenciado, o que é aceitável e o que é tabu. O discurso, nesse sentido, é um campo de domínio dentro do qual a linguagem é usada de modos particulares. Esse campo ou domínio é produzido nas e por meio das práticas sociais, instituições e ações”.

Sendo assim, na análise, escolhemos os discursos de alguns alunos, aleatoriamente. Por isso, a identificação deles será feita com a letra A e o número do exemplo apresentado. Tentamos focalizar discursos em que os alunos atribuem sentidos em relação à LI e nos quais percebemos que são construídas identidades de aprendizes dessa língua.

Na primeira questão do questionário, vemos que as diferenças identitárias já são marcadas a partir dos gostos musicais que se relacionam, ou não, entre si, como exemplificadas abaixo:

1) *What is your favorite singer and type of music?*

A1: “Funk, pagode, sertanejo universitário, eletrônica, Jorge e Mateus, Lucas Lucco, MC Luan, MC Katra, Turma do Pagode, Sorriso Maroto, MC Daleste.”

A2: “Pop rock, rock, metalcore e punk.”

A3: “Sertanejo raiz, românticas, Cindy Lauper.”

Na segunda questão, também podemos perceber que os alunos gostam muito de sair e são alocados aos grupos afins.

2) *What do you like to do on your free time? And on the weekend?*

A4: “Sair com os amigos, trabalhar, ir para a academia.”

A5: “Cuido da minha filha e fico sempre no computador.”

A6: “Namorar, ler, ficar com os amigos.”

A7: “Ir ao shopping, dormir, estudar, sair com os amigos.”

Podemos inferir que, nessas duas perguntas, a possibilidade que o professor tem de ampliar o entendimento do processo de ensino-aprendizagem de LEs, pois traria contribuições pragmáticas ao ensino, trazendo atividades lúdicas a partir das respostas apresentadas pelo aluno trazendo, também, para o aluno, como afirma Moita Lopes (2005), objetivos de uma maior proximidade/entendimento da LI, possível de serem alcançados.

Dentre todos os alunos, a maioria se refere ao inglês como uma língua “universal”, fato que indica o pensamento colonizado diante do imperialismo de países de primeiro mundo:

08- Why do you think it is important to learn English?

A8: “O inglês é muito importante, porque ele é essencial para as descobertas de novos lugares e culturas por ser uma língua universal.”

A9: “O inglês abre várias portas no mercado de trabalho, além de ser uma língua universal.”

A presença recorrente da LI no âmbito sociocultural é fator motivador para os entrevistados, pois mostram que a visão que tem da LI é de uma possibilidade de tornar algo prático, aqui podendo ser compreendido com as relações sociais.

A representação, aqui, é construída a partir da visão colonialista que surgiu durante os anos. Kumaravadivelu (2006) ressalta que, através da fase atual que a globalização assumiu, o inglês está no centro como a língua universal, que une culturas nas discussões dos diversos assuntos que essa globalização passa. O autor cita o pensamento de Ritzer (1993) e Barber (1996), autores que acreditam estar ocorrendo certo tipo de homogeneização cultural, sendo a cultura norte-americana, a dominante.

Ainda sobre a mesma questão, somente dois alunos se posicionaram contrários a essa visão colonialista, isto é, não é construída uma identidade em relação à LI.

A10: “Não gosto de Inglês. Prefiro Espanhol.”

A2: “Acho mais fácil o Espanhol porque se parece com o português não ser necessário só aprender o inglês.”

Em relação à identidade desses alunos, percebemos que, conforme afirma Moita Lopes (2006), essa é construída a partir do social, dependendo do discurso produzido e dos sentidos atribuídos em relação àquela língua estrangeira sendo suas identidades

afetadas pelo que já foi representado discursivamente sobre a LI e que incorporam em seus discursos.

Alguns sujeitos da pesquisa atribuem sentidos à LI, considerando que seu domínio lhes permitirá um *status* melhor, "sendo necessário dominá-la". Para eles, o inglês é de suma importância para conseguirem um bom emprego e garante-lhes conhecimento, não adquirido através do ensino na escola, como podemos ver em uma fala dos alunos a seguir:

07- What is your biggest interest in English language?

A12: "Porque ajuda nós aprender mais e nos prepara para o mercado de trabalho."

A13: "Por no mercado hoje exige muito."

A14: "Aprender para ter um conhecimento a mais e é também o ensino tem que ser bom, coisa que não é."

Através desses relatos, percebemos que a representação feita aqui, também, é de que a LI deve ser aprendida para abrir caminhos, como já dissemos, para conseguir um bom emprego, a identidade é representada a partir dos sentidos atribuídos aos padrões representativos que essa língua representa mundialmente.

Em meio a inúmeros desejos de aprender inglês para conquistar o mercado de trabalho, uma única aluna manifestou o desejo de aprender para o vestibular, na questão anteriormente citada:

A15: "O inglês é importante para o vestibular, no mercado de trabalho, e para conhecer outros países."

Percebemos que as diferenças entre os alunos expressam diferentes posicionamentos perante a LI. Conforme afirma Moita Lopes (2005), essa diferença ocorre em decorrência da relação de identidade social da pessoa, que se posiciona diferentemente no discurso, por conta dos diferentes pontos de vista e anseios, afetando diretamente na representação e no sentido que ela atribui ao aprender e ao processo de ensino-aprendizagem de LEs.

Como já vimos, autores como Cox e Assis-Peterson (2001) consideram que o inglês representa a língua franca, o meio de comunicação universal entre as pessoas. Assim pensando, a representação revelada dos alunos em dizer que é possível conhecer outros países é feita através da representação da ascensão do poder econômico da

Inglaterra e dos Estados Unidos na primeira e segunda metade deste século e o crescimento desta língua no Brasil.

Mas, quando perguntados sobre o conhecimento da cultura dos países falantes da LI, a maioria dos alunos pesquisados responde só ter conhecimento sobre aquilo que é veiculado na mídia, ou seja, os sentidos atribuídos pela mídia em relação àquela cultura.

04- Do you know anything about the culture of countries that speaking English? What?

A16: “Sei que eles gostam muito de *fast food* e o *Halloween* é uma cultura estadunidense e também o *Halloween*.”

A17: “Sim, conheço. Frank Sinatra, cantor de músicas clássicas.”

A2: “A cultura americana é muito conhecida pelo seus filmes hollywoodianos e sua culinária calórica.”

A1: “Não, não conheço.”

A7: “Não conheço.”

Através dessas respostas, confirmamos o que Moita Lopes (2005) diz: que as salas de aula são repletas de alunos que mal conhecem as regras sociais de uso da LI e que tentam se comunicar nessa língua. Também podemos considerar que a identidade social apresentada até aqui é construída e influenciada por discursos gerados em casa e na sala de aula nos quais aqueles que não aprendem inglês são vistos como os que não terão inserção no mercado de trabalho, ficando à margem do mundo globalizado.

Assim pensando, a escola, também, exerce um papel importante na formação que os sujeitos terão sobre o aprendizado de línguas, atribuindo sentidos negativos quanto à disciplina LI, nas escolas públicas.

05- What is your main difficulty about English classes?

A9: “Conteúdo, explicações.”

A10: “Todo conteúdo, vocabulário, pronúncia escrita.”

A5: “Tudo como conteúdo e linguagem, não entendo nada que passa na sala.”

A13: “Tudo, pois falta conteúdo e materiais. Praticamente não entendo nada, só algumas coisas pois fiz um mês de curso.”

As perguntas destacadas acima foram perguntas mais relacionadas a como a LI é percebida por estes alunos e quais serão os fatores motivadores para que eles estudassem esta língua. No caso, é sobressalente a questão da imposição da língua a níveis profissionais e a constância da língua numa sociedade inserida em um processo de globalização.

Percebemos, nas respostas dos questionários, certa queixa dos alunos quanto ao ensino e aprendizado dessa língua na rede pública de ensino. A representação de que não se aprende língua estrangeira na escola pública continua como um grande desafio para os professores que ensinam essas línguas, devido a esses e a outros fatores, o que não impede que professores reflitam sobre o sonho dos alunos de aprender língua estrangeira na escola e que cabe a ele ser o mediador desse trabalho.

5. Considerações finais

As considerações finais aqui explicitadas são feitas a partir de um longo percurso teórico refletido nas análises do questionário perfil aplicado aos alunos do segundo ano do ensino médio, de uma escola regular da rede pública de Uberaba/MG. Os dados nos permitem concluir que os alunos possuem um comportamento "colonizado" quanto à LI. Conforme afirma Moita Lopes (2006), a identidade dos alunos é construída a partir do social, dependendo do discurso produzido e dos sentidos atribuídos em relação àquela língua para que a representação seja (trans)formada.

Podemos destacar, ainda, a importância da aplicação do questionário perfil e o auxílio da LA para responder questões que vão além da sala de aula, pois possibilita ao professor refletir e conhecer a realidade dos seus alunos, os anseios e expectativas, sendo possível a construção e problematização de questões importantes na edificação e reconstrução das identidades deles, bem como os sentidos atribuídos em relação ao ensino e aprendizado de línguas. Neste sentido, num panorama geral, a noção de aprendizado de línguas ainda possui representações no ensino tradicional de estrutura gramatical e noção cultural localizada geograficamente.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev., Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- CAVALCANTI, J. R. **No “mundo dos jornalistas”**: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros. 2006. Tese (Doutorado). IEL - Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp: Campinas, 2006.
- CELANI, M. A. A.; MAGALHÃES, M. C. Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (Orgs.) **Identidade**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

- CHINATTI, J., H. A aprendizagem de línguas estrangeiras conferindo identidade a um sujeito. **Domínio de Lingu@gem**: Revista Eletrônica de Linguística/UFU. Uberlândia, volume 6, nº 1, 2012.
- CORACINI, M. J. Língua estrangeira e Língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. J. R. F.(Org.). **Identidade & discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora UNICAMP; Chapecó: Argos, 2003.
- _____. O espaço híbrido da subjetividade: o (bem) estar/ser entre línguas. In: **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüísmo. Campinas: Mercado de Letras.
- COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A.A. de. O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação. In: **Revista Linguagem & Ensino**: Revisa do Programa de Pós-Graduação em Letras/ UCPel. Pelotas, vol. 4, nº 1, 2001 (pp.11-36)
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. V. 2. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. da. “Eles não aprendem português quanto mais inglês”. A ideologia da falta de aptidão para aprender línguas estrangeiras em alunos de escola pública. In: MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- _____. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de LI: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- NEVES, M. S. O processo identificatório na relação professor-aluno na aprendizagem de língua estrangeira. In: MAGALHÃES, I., CORACINI, M. J., GRIGOLETTO, M. (orgs.) **Prática identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.
- RAJAGOPALAN, K. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lucia e ORRICO, E. (orgs.). **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4º edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

**APÊNCIE
NEEDS ANALYSIS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO – UFTM
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA II**

This questionnaire is very simple It is not a test!. It is simply a survey of what you usually like to do, etc. Then, answer calmly and be true. Any doubts, ask the teacher or trainees.

Student: _____ Age: _____

01- What is your favorite singer and type of music?

02- What do you like to do on your free time? And on the weekend?

03- Do you know any country that speaks English? Which?

04- Do you know anything about the culture of countries that speaking English? What?

05- What is your main difficulty about English classes?

06- What do you like to watch on TV? Why?

07- What is your biggest interest in English language?

08- Why do you think it is important to learn English?
